

UMA LIGAÇÃO INQUEBRÁVEL
UMA VERDADE INSUSTENTÁVEL

AS GÉMEAS DO GELO

Arrepiante
e imparável.

Para os fãs de
*A Rapariga
no Comboio*

S. K. TREMAYNE

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

TOP
SELER

Para as minhas filhas



1

As nossas cadeiras estão colocadas precisamente a dois metros de distância uma da outra. E estão ambas viradas para a grande secretária, como se fôssemos um casal numa sessão de terapia conjugal; um sentimento que conheço demasiado bem. Dominando a sala, um par de janelas de guilhotina do século XVIII, altas, sem cortinados: retratos gémeos de um céu londrino encoberto, escuro.

— Não se importa de acender uma luz? — pergunta o meu marido, e o jovem solicitador, Andrew Walker, ergue os olhos dos papéis, talvez com um toque de irritação.

— Claro — diz ele. — Peço desculpa. — Inclina-se para um botão atrás dele e dois altos candeeiros de pé inundam a sala de uma generosa luz amarela, e aquelas esplêndidas janelas, subitamente, ficam escuras.

Agora, consigo ver o meu reflexo nas superfícies lustrosas: controlada, passiva, os joelhos juntos. Quem é esta mulher?

Ela não é a mulher que fui noutros tempos. Os olhos são tão azuis como sempre, mas há mais tristeza neles. O rosto é ligeiramente redondo, e pálido, e mais magro do que era. Continua loura e razoavelmente bonita — mas também debilitada, e definhada; uma mulher de trinta e três anos, há muito tempo vazia de todo e qualquer traço da rapariga que foi.

E a roupa dela?

Jeans que estavam na moda um ano antes. Botas que estavam na moda um ano antes. Uma camisola de caxemira lilás, bastante bonita, mas gasta: com aquele borboto causado pelas muitas, demasiadas, lavagens. Retraio-me perante a minha imagem. Devia ter vindo mais elegante. Mas porquê mais elegante? Isto é só uma reunião com um advogado. E que vai mudar completamente as nossas vidas.

Murmúrios de trânsito lá fora, como a respiração profunda, mas perturbada, de alguém que sonha ao nosso lado. Pergunto-me se vou sentir a falta do trânsito londrino, do constante e tranquilizante ruído branco: como aquelas aplicações do telemóvel que nos ajudam a adormecer — imitando os incessantes e rápidos sons do sangue no útero, as batidas do coração da mãe latejando ao longe.

As minhas gémeas teriam ouvido esse ruído quando esfregavam os narizes um contra o outro dentro de mim. Lembro-me de as ver na segunda ecografia. Pareciam dois símbolos heráldicos num braço, idênticas e contrárias. O unicórnio e o unicórnio.

Testamentário. Executor. Herança legítima. Legalmente válida...

Andre Walker dirige-se-nos como se fôssemos uma turma na sua sala de aulas, e ele, um professor um tanto dececionado com os seus estudantes.

Legado. Falecido. Herdeiro. Filhos Sobreviventes.

O Angus, o meu marido, suspira de impaciência reprimida; eu conheço esse suspiro. Está chateado, talvez irritado. E eu compreendo isso; mas também sinto simpatia pelo solicitador. Isto não pode ser fácil para Walker. Confrontar-se com um pai hostil, irado, e uma mãe que permanece rendida ao luto, ao mesmo tempo que tem de resolver uma herança problemática: é preciso algum engenho para enfrentar isso tudo. Daí que a sua enunciação precisa, lenta, cuidadosa, seja talvez o veículo que encontrou para se distanciar, para lidar com um material difícil. Talvez seja o equivalente legal da terminologia médica. *Hematomas duodenais e avulsões da serosa, conduzindo a uma peritonite infantil fatal.*

Uma voz penetrante interrompe-o.

— Já vimos tudo isso.

O Angus terá bebido? O tom dele roça a ira. Tem um comportamento dominado pela raiva desde que aquilo aconteceu. E também

tem andado a beber muito. Mas, hoje, parece bastante lúcido, e está, presumivelmente, sóbrio.

— Não sei se sabe, mas nós gostaríamos de ter isto despachado antes que a mudança climática se abata sobre o planeta.

— Sr. Moorcroft, como eu já disse, o Peter Kenwood está de férias. Se preferir, podemos esperar que ele volte...

— Não. Queremos isto despachado já — diz o Angus.

— Nesse caso, tenho de examinar de novo os documentos e as questões pertinentes. Só assim poderei dar-me por satisfeito. Além do mais, o Peter sente... bom...

Observo. O solicitador hesita e as palavras seguintes saem-lhe mais firmes e ainda mais cuidadosamente enunciadas:

— Como sabe, Sr. Moorcroft, o Peter considera-se um amigo da família de há muito tempo. Não apenas um conselheiro legal. Ele conhece as circunstâncias. Conhecia muito bem a falecida Sra. Carnan, sua avó. Por isso, pediu-me para me certificar, uma vez mais, de que o senhor e a sua esposa sabem exatamente em que é que se estão a meter.

— Nós sabemos o que estamos a fazer.

— Como sabe, a ilha praticamente não é habitável. — Andrew Walker encolhe os ombros, desconfortável, como se tal dilapidação fosse culpa da sua sociedade, mas ele estivesse empenhado em evitar um potencial processo. — A casa do faroleiro, infelizmente, foi abandonada à fúria dos elementos. Há anos que ninguém a habita. Mas consta do inventário — por isso, não a pode demolir completamente e recomeçar do zero.

— Sim. Eu sei isso tudo. Ia lá muitas vezes quando era miúdo. Brincava nos charcos entre as rochas.

— Mas considera-se realmente informado dos desafios a enfrentar, Sr. Moorcroft? Trata-se efetivamente de um empreendimento tremendo. Há questões relativas à acessibilidade, com as terras lamacentas que ficam a descoberto na maré baixa, e, é claro, há diversos e importantes problemas com as canalizações, o aquecimento e a eletricidade em geral — além do mais, não há dinheiro no testamento, nada que...

— Eu considero-me informado da cabeça aos pés.

Uma pausa. Walker olha de relance para mim e logo volta a olhar para o Angus.

— Soube que vai vender a sua casa em Londres.

O Angus olha fixamente para ele. O queixo espetado. Pose de desafio.

— Como disse? O que é que isso tem a ver com o que quer que seja?

O solicitador abana a cabeça.

— O Peter está preocupado. Porque... hum... Tendo em conta a recente perda trágica que... Ele quer ter a certeza absoluta.

O Angus olha de relance para mim. Encolho os ombros, hesitante. Ele inclina-se para a frente.

— Muito bem. Não interessa. Sim. Vamos vender a nossa casa em Camden.

— E essa venda significa que obterá capital suficiente para permitir renovações em Ell...

Andre Walker franze o sobrolho. Por causa das palavras que está a ler.

— Não consigo pronunciar a palavra. Ell...?

— Eilean Torran. É gaélico escocês. Significa ilha do Trovão. Ilha de Torran.

— Sim. Claro. Ilha de Torran. Portanto, com a venda da sua casa atual, espera obter fundos suficientes para renovar a casa do faroleiro em Torran?

Sinto-me como se devesse dizer alguma coisa. De certeza que tenho de dizer alguma coisa.

O Angus é que está a fazer o trabalho todo. No entanto, a minha mudez é reconfortante, um casulo, estou encasulada no meu silêncio. Como sempre. Eu sou assim. Sempre fui uma pessoa calada, se não mesmo retraída; e há muitos anos que isso deixa o Angus exasperado. *O que é que estás a pensar? Diz-me. Porque é que tenho de ser eu a aguentar com todo o peso da conversa?* E quando ele diz isto, eu normalmente encolho os ombros e volto costas; porque, às vezes, não dizer nada diz tudo.

E aqui estou eu, uma vez mais silenciosa. Escutando o meu marido.

— Já temos duas hipotecas sobre a casa de Camden. Perdi o meu trabalho, estamos a travar uma dura luta. Mas, sim, espero conseguir uma bela maquia.

— Tem um comprador?

— Que está doido por passar o cheque. — O Angus está a reprimir a ira, mas prossegue. — Ouça. A minha avó deixou-nos a ilha, a mim e ao meu irmão, no seu testamento. Certo?

— Claro.

— E o meu irmão, muito generosamente, diz que não quer nada. Certo? A minha mãe está num lar. Correto? Portanto, a ilha pertence a três pessoas — a mim, à minha mulher e à minha filha. Confirma?

Filha. Singular.

— Com efeito...

— Portanto, o quadro é este. Muito simples. Entendido? Queremos mudar-nos para lá. Queremos realmente mudar-nos para lá. Sim, aquilo está num estado lamentável. Sim, está em ruínas. Mas nós cá nos arranjaremos. No fim de contas — o Angus recosta-se na cadeira — já passámos por pior.

Olho de uma forma muito intensa para o meu marido.

Se o conhecesse agora, achá-lo-ia ainda muito atraente. Um tipo alto, vistoso, na casa dos trinta, com uma agradável barba de três dias. Olhos escuros, masculino, capaz.

O Angus tinha um nada de barba quando nos conhecemos e eu gostei disso; gostei do modo como essa barba de um ou dois dias acentuava a linha do maxilar. Era um dos poucos homens que eu conhecera a quem se poderia atribuir adequadamente o adjetivo «bem-parecido». Estava sentado naquele grande e ruidoso bar de tapas em Covent Garden quando o conheci.

Estava a rir-se, sentado a uma mesa grande com um grupo de amigos: todos a meio da casa dos vinte. Eu e as minhas amigas estávamos na mesa seguinte. Um pouco mais novas, mas tão animadas como eles. Toda a gente estava a beber muito Rioja.

E foi assim que aconteceu. Um dos tipos atirou-nos uma piada; alguém replicou com um insulto provocatório. E, depois, as duas mesas juntaram-se: mudámos de lugar e apertámo-nos e alguns pediram mais espaço a outros, rindo-nos e trocando piadas, e trocando também nomes: esta é Zoe, este é o Sacha, este é o Alex, o Imogen, a Meredith...

E este é o Angus Moorcroft, e esta é a Sarah Milverton. Ele é da Escócia e tem 26 anos. Ela é meio inglesa, meio americana, e tem 23. Agora, passem o resto das vossas vidas juntos.

O trânsito da hora de ponta torna-se mais ruidoso lá fora; acordos dos meus devaneios.

O Angus está a assinar mais alguns documentos a pedido do Andrew Walker. E... oh: eu conheço bem este processo: assinámos tantos documentos neste último ano... A papelada que se segue à catástrofe.

O Angus está curvado sobre a secretária, rabiscando o seu nome. A mão dele parece demasiado grande para a caneta. Viro-me e fito uma gravura da velha ponte de Londres na parede pintada de amarelo. Quero recordar um pouco mais, quero alhear-me. Quero pensar no Angus e em mim: aquela primeira noite.

Lembro-me de tudo — de uma forma tão nítida. Da música — salsa mexicana — às mediócras tapas: patatas bravas* de um vermelho berrante, espargos brancos com um sabor avinagrado. Lembro-me do modo como os outros foram saindo — tenho de ir apanhar o último metro, preciso de dormir um pouco —, como se todos se apercebessem de que o Angus e eu estávamos fadados um para o outro, de que aquilo era mais importante do que o vulgar *flirt* de sexta-feira à noite.

Com que facilidade as coisas acontecem. O que seria a minha vida agora, se tivéssemos ocupado uma outra mesa, se tivéssemos ido a outro bar? Mas nós escolhemos aquele bar, naquela noite e aquela mesa, e, por volta da meia-noite, eu estava sentada sozinha, ao lado daquele tipo alto: Angus Moorcroft. Disse-me que era arquiteto. Disse-me ainda que era escocês, e solteiro. E depois contou-me uma anedota inteligente — só me apercebi de que era uma anedota passado um minuto. E, enquanto ria, dei-me conta de que ele estava a olhar para mim: profundamente, de modo inquisitivo.

Então fiz exatamente o mesmo — olhei-o nos olhos. Os olhos dele eram de um solene castanho-escuro; o cabelo ondulado e muito preto; e os dentes eram brancos e aguçados, em contraste com os lábios vermelhos e a barba escura por fazer, e eu já sabia a resposta. Sim.

Duas horas depois, furtivamente, demos o nosso primeiro beijo bêbedo, sob a Lua aprovadora, num recanto da praça de Covent

* Batatas fritas à espanhola, com um molho picante, em particular de tomate. [N. do T.]

Garden. Lembro-me do brilho — tinha chovido — das pedras da calçada enquanto nos abraçávamos; da doçura gélida do ar da noite. Dormimos juntos nessa mesma noite.

Cerca de um ano depois, casámo-nos. Ao fim de menos de dois anos de casamento, tivemos as raparigas: gémeas idênticas. E, agora, restava-nos uma gémea.

A dor cresce dentro de mim: e tenho de levar um punho à boca para suster o tremor. Quando é que isto desaparecerá? Talvez nunca? É como uma ferida de guerra, como estilhaços de granada que entram na carne e que depois, com os anos, abrem caminho até à superfície.

Portanto, talvez eu tenha de falar. Para esmagar a dor: para apaziguar os meus pensamentos. Estou aqui sentada há meia hora, dócil e silenciosa, como uma dona de casa puritana de outros tempos. Com demasiada frequência, conto com o Angus para falar das coisas, para providenciar aquilo que falta em mim. Agora, porém, chega de silêncio.

— Se nós renovarmos a ilha, ela poderá valer um milhão.

Ambos se viram para mim. Abruptamente. Ela fala!

— Aquela vista — digo eu — vale por si só um milhão. Aquela vista para o Sound of Sleat. Na direção de Knoydart.

Tenho muito cuidado em pronunciá-lo bem: Sleat tem de rimar com slate*. Eu fiz as minhas pesquisas; infindáveis pesquisas, googlando imagens e histórias.

O Andrew oferece-me um sorriso polido.

— E, hum, esteve lá, Sra. Moorcroft?

Coro; mas não ligo.

— Não. Mas vi as gravuras, li os livros — é uma das mais famosas vistas da Escócia e nós teremos a nossa própria ilha.

— Com efeito. Sim. No entanto...

— Há uma casa na aldeia de Ornsay, no continente, a cerca de um quilómetro de Torran... — Olho de relance para a nota que guardei no meu telemóvel, embora me lembre suficientemente bem dos factos. — Foi vendida por 750 mil libras, este ano, a 15 de janeiro. Uma casa com quatro quartos, um belo jardim com uma

* Mantivemos o termo do original («slate», «ardósia»), que se lê «sleit». [N. do T.]

pequena esplanada de madeira. Tudo muito agradável, mas não propriamente uma mansão. Mas tinha uma vista espetacular para o Sound — e é a vista que leva as pessoas a gastarem tanto dinheiro. Setecentas e cinquenta mil libras.

O Angus olha para mim e acena-me para me encorajar. Depois, junta-se à conversa.

— É. E, se nós renovarmos aquilo de alto a baixo, poderemos ter cinco divisões, cerca de meio hectare — a casa é suficientemente grande. Pode vir a valer um milhão. Facilmente.

— Bom, Sr. Moorcroft, agora valerá quando muito cinquenta mil, mas, sim, tem potencial.

O solicitador está a sorrir, é um sorriso postiço. Estou cheia de curiosidade: porque é que ele se mostra tão categoricamente relutante quanto à nossa mudança para Torran? O que é que ele sabe? Qual é o verdadeiro envolvimento do Peter Kenwood? Talvez eles estejam a pensar fazer uma oferta? Isso faz sentido: o Kenwood conhece Torran há muitos anos, conheceu a avó do Angus, estaria plenamente informado do valor de que mais ninguém se apercebeu.

Era isto que estavam a planear? Se sim, seria sedutoramente simples. Esperar que a avó do Angus morresse. Depois, precipitar-se sobre os netos, em particular sobre um casal em sofrimento, desnorteado: traumatizado pela morte de uma filha, abalado pela luta financeira que se seguiu. Oferecer-lhes cem mil, o dobro do que é preciso, ser generoso e solidário, pôr um sorriso caloroso, mas triste. *Deve ser difícil, mas nós podemos ajudar, podemos livrá-los deste fardo. Assine aqui na linha...*

Depois disso: é canja. Encher um autocarro com operários da construção polacos, levá-los até Skye, investir duzentos mil, aguardar um ano até que o trabalho esteja feito.

Aquela bela propriedade, inserida na sua própria ilha, na famosa Sound of Sleat, seria vendida por 1,25 milhões de libras, ou pela oferta mais elevada que se lhe aproximasse...

Qual era o plano deles? Andrew Walker olha fixamente para mim e eu sinto uma ferroada de culpa. Estou a ser sem dúvida horrivelmente injusta para com a Kenwood & Partners. Porém, qualquer que seja a motivação deles, é impossível eu desistir desta ilha: é a minha rota de saída, é uma fuga ao sofrimento e às memórias — e às dívidas e dúvidas.

Sonhei demasiado com isto. Às três da manhã, na cozinha, olhos fixos nas fotos reluzentes no meu portátil. Quando a Kirstie está a dormir no seu quarto e o Angus na cama, drogado com uísque. Olhos fixos naquela beleza cristalina. Eilean Torran. No Sound of Sleat. Perdida no encantamento das Hébridas Interiores, daquela bela propriedade, naquela ilha que é só sua.

— Então muito bem. Só preciso de mais umas quantas assinaturas — diz Andrew Walker.

— E arrumamos o assunto?

Uma pausa significativa.

— Sim.

Passado um quarto de hora, o Angus e eu abandonámos o gabinete pintado de amarelo, descemos até ao átrio pintado de vermelho, e saímos para a humidade de um entardecer de outono. Em Bedford Square, Bloomsbury.

O Angus tem os documentos na sua mochila. Está tudo concluído; o caso chegou ao fim. Estou a olhar para um mundo alterado; ganho um ânimo novo, mensurável.

Grandes autocarros vermelhos descem a Rua Gower, dois pisos de rostos vazios, olhos fixos na paisagem.

O Angus põe uma mão no meu braço.

— Parabéns.

— Porquê?

— Por aquela intervenção. Veio mesmo no momento certo. Já estava com medo de lhe dar um murro que o deixasse KO.

— Também eu. — Olhamos um para o outro. Cúmplices, e tristes. — Mas conseguimos. Certo?

O Angus sorri.

— Sim, minha querida: vitória total. — Ergue a gola do casaco contra a chuva. — Mas, Sarah... tenho de te perguntar só mais uma vez — tens a certeza absoluta?

Faço uma careta; ele apressa-se a acrescentar:

— Eu sei, eu sei. Sim. Mas continuas a achar que é a coisa certa? Queres mesmo... — e aponta para a fila de luzes amarelas dos táxis londrinos, reluzindo sob o chuvisco — Queres mesmo deixar isto? Desistir de tudo isto? Skye é de uma quietude tão grande...

— Quando alguém está cansado de Londres — digo eu —, então é porque está cansado da chuva.

O Angus ri-se. E aproxima-se mais de mim. Os seus olhos castanhos procuram os meus, talvez os seus lábios estejam à procura da minha boca. Afago suavemente um lado do seu maxilar e beijo-o na barba da face e sinto o cheiro dele — não cheira a uísque. Cheira a Angus. Sabonete e masculinidade. Limpo e capaz, o homem que eu amava. Amo. Amarei sempre.

Talvez façamos sexo esta noite, pela primeira vez em muitas semanas. Talvez estejamos a ultrapassar isto. Alguma vez se pode ultrapassar isto?

Caminhamos de mão dada pela rua. O Angus aperta com força a minha mão.

Este ano, pegou-me muitas vezes na mão: pegou na minha mão quando eu estava na cama a chorar, infundavelmente e sem uma só palavra, noite após noite; pegou na minha mão desde o princípio até ao fim do aterrador funeral da Lydia, desde o *Eu sou a ressurreição e a vida* até ao *Que estejas connosco eternamente*.

Ámen.

— Metro ou autocarro?

— Metro — digo eu. — É mais rápido. Quero dar as boas-novas à Kirstie.

— Espero que ela veja as coisas assim.

Olho para ele. Não.

Não posso começar a alimentar incertezas. Se parar e pensar, então as dúvidas erguer-se-ão como uma vaga enorme e nós ficaremos paralisados para sempre.

— De certeza que vê, Angus, só pode ver, não? Teremos o nosso próprio farol, todo aquele ar fresco, veados, golfinhos... — respondendo, apressada.

— É, mas lembra-te de uma coisa — basicamente, o que tu viste foram fotos daquilo no verão. Com sol. Nem sempre é assim. Os invernos são uma escuridão.

— Então, no inverno, nós — qual é a frase? — nós recolhemo-nos e defendemo-nos. Será uma aventura.

Estamos perto do metro. Uma torrente escura de passageiros desaparece descendo os degraus: uma torrente engolida pelo metro de Londres.

Viro-me por um momento e olho para a neblina da Rua New Oxford. Os neveiros outonais de Bloomsbury são uma espécie de

fantasma — ou uma memória visível — dos pântanos medievais de Bloomsbury. Li isso algures.

Eu leio muito.

— Anda.

Desta vez, sou eu que agarro na mão do Angus, e, unidos pelos nossos dedos, descemos até ao metro e aguentamos três paragens na hora de ponta, como sardinhas em lata; depois, esprememo-nos no elevador de Morning Crescent — e, quando chegamos à superfície, já vamos praticamente a correr.

— Eh — diz o Angus, rindo-se. — Isto é uma competição olímpica ou quê?

— Quero contar à nossa filha!

E quero, quero mesmo. Quero dar à filha que sobreviveu boas notícias, por uma vez, notícias agradáveis: algo feliz e auspicioso. Faz hoje 14 meses que a sua irmã gémea, Lydia, morreu — odeio a forma como consigo ainda calcular a distância no tempo, com tanta exatidão, com tanta facilidade — e ela teve mais de um ano de angústia que não consigo abarcar: perder a sua gémea idêntica, a sua alma gémea. Tem estado encerrada num isolamento abismal, unicamente centrada em si mesma: há 14 meses. Mas, agora, posso libertá-la.

Ar fresco, montanhas, lagos, estuários. E uma vista para Knoydart, para lá das águas.

Com pressa, sigo na direção da porta do casarão branco que nunca devíamos ter comprado; a casa em que já não podemos dar-nos ao luxo de viver.

A Imogen está à porta. A casa cheira a comida de miúdos, roupa lavada, café acabado de fazer; é luminoso, o branco da casa. Vou sentir a falta dela. Talvez.

— Immy, obrigada por teres tomado conta dela.

— Oh, por favor. Vá lá — conta-me já! Está tudo tratado?

— Sim, conseguimos, vamos mudar-nos!

A Imogen bate palmas, deliciada: a minha amiga inteligente e elegante com o seu cabelo escuro, a Immy que se manteve sempre ao meu lado desde a escola secundária; ela curva-se e abraça-me, mas eu, com um sorriso, afasto-a.

— Tenho de lhe contar, ela não sabe de nada.

— Está metida no quarto dela com o Banana.

— Como?

— Está a ler o *Diário de um Banana!*

Atravesso o átrio de entrada, subo as escadas e paro diante da porta que diz *A Kirstie mora aqui* e *Bata primeiro* em letras de papel brilhante, desajeitadamente cortadas com uma tesoura. Bato à porta, como ordena o aviso.

Então, ouço um vago *mmm-mmm*. É a versão de «Entra» da minha filha.

Empurro a porta e cá está a minha rapariga de sete anos, com o uniforme da escola — calças pretas, polo branco —, sentada no chão, as pernas cruzadas, o pequeno nariz sardento quase colado a um livro: uma imagem de inocência, mas também de solidão. O amor e a tristeza latejam dentro de mim.

Quero tornar a vida dela melhor, quero tanto isso, que recuere a saúde, que volte a ser ela mesma, faço o melhor que posso.

— Kirstie...

Ela não reage. Continua a ler. Por vezes faz isto. É um jogo, *mmmNÃO* vai falar. Tornou-se mais frequente neste último ano.

— Kirstie. Amorzinho. Kirstie-cu-cu.

Agora, ela ergue os olhos do livro, com aqueles olhos azuis que saem aos meus, mas são mais azuis. Azul das Hébridias. O cabelo louro dela é quase branco.

— Mamã.

— Tenho notícias para ti, Kirstie. Boas notícias. Notícias maravilhosas.

Sento-me no chão ao lado dela, rodeada pelos seus pequenos brinquedos — os pinguins e o Leopardy, o leopardo tão fofo que só apetece abraçá-lo, e a Boneca Com Um Braço —, e conto-lhe tudo. Que vamos viver para um sítio especial, um sítio novo, um sítio onde podemos recomeçar, um sítio belo e fresco e cintilante: a nossa própria ilha.

Do princípio ao fim, a Kirstie não tira os olhos de mim. Os olhos dela mal pestanejam. Ela absorve tudo. Não diz nada, passiva, como que fascinada, devolvendo-me os meus próprios silêncios. Aquiesce com um meio-sorriso. Confusa, talvez. O quarto está sossegado. Esgotei as palavras.

— Então — digo eu. — O que é que achas? De irmos viver para a nossa própria ilha? Não é empolgante?

A Kirstie aquiesce de novo — um nada. Olha para o livro e fecha-o, e depois olha para mim de novo e diz:

— Mamã, porque é que continuas a chamar-me Kirstie?

Eu não digo nada. O silêncio é ensurdecedor. Falo por fim:

— Desculpa, minha querida. O quê?

— Porque é que continuas a chamar-me Kirstie, mamã? Quem morreu foi a Kirstie. Eu sou a Lydia.

2

Olho fixamente para a Kirstie. Tentando sorrir. Tentando não mostrar a minha profunda ansiedade.

Na mente da Kirstie, em pleno desenvolvimento, há seguramente algum sofrimento latente que emerge naquilo que ela diz; alguma confusão que é exclusiva dos gémeos que perdem um irmão, e eu estou habituada ao facto de elas — as minhas filhas (a minha filha) — serem diferentes.

Desde o princípio, quando a minha mãe se meteu no carro e veio de Devon, no pino do inverno, até ao nosso pequeno apartamento em Holloway — desde o momento em que a minha mãe olhou para as gémeas juntas no berço, mamando nos polegares uma da outra — desde o momento em que o rosto da minha mãe rompeu num sorriso deslumbrado, espantado, aturdido, os olhos muito abertos de um encantamento sincero —, desde o princípio que eu sabia que ter gémeos era algo ainda mais impressionante do que o milagre comum de termos um filho. Com gémeos — em particular gémeos idênticos — damos à luz celebridades genéticas. Pessoas que são impressionantes simplesmente por existirem.

Impressionantes e muito diferentes.

O meu pai deu-lhes mesmo uma alcunha: as Gémeas do Gelo. Porque tinham nascido no dia mais gélido do ano e tinham olhos de um azul-gelo e um cabelo entre o louro e a neve. A alcunha pareceu-me um pouco melancólica: por isso, na realidade, nunca a

adotei. No entanto, não posso negar que, a certos níveis, o nome estava certo. Condizia com o caráter misterioso delas.

Eis até que ponto os gémeos podem ser especiais: com efeito, as minhas filhas tinham mesmo um nome especial, partilhado entre elas.

Tendo em conta isto, a afirmação lancinantemente calma da Kirstie — Mamã, eu sou a Lydia, quem morreu foi a Kirstie — poderia ser apenas mais um exemplo da condição de gémeos, apenas mais um sintoma do seu caráter único. Mas, mesmo assim, estou a lutar contra o pânico, contra a ânsia de chorar. Porque ela está a fazer-me lembrar a Lydia. E porque estou preocupada com a Kirstie.

Que terrível delírio assombra os seus pensamentos, a ponto de a levar a dizer estas terríveis palavras? *Mamã, eu sou a Lydia, quem morreu foi a Kirstie. Porque é que continuas a chamar-me Kirstie?*

— Minha querida — digo-lhe eu com uma calma falsa, forçada —, está quase na hora de ir para a cama.

Ela oferece-me aquele olhar azul, plácido e fixo, idêntico ao da irmã. Falta-lhe um dente de leite de cima. Um outro, de baixo, está cai-não-cai. O que é uma coisa completamente nova; até à morte da Lydia, ambas tinham sorrisos perfeitos: ambas perderam tarde os dentes de leite.

Erguendo um pouco o livro, a Kirstie diz:

— Mas, olha, o capítulo tem só mais três páginas. Sabias?

— A sério?

— Sim, olha, o capítulo acaba aqui, mamã.

— Está bem. Então, podemos ler mais três páginas até ao fim do capítulo. Porque é que não me lês essas páginas?

A Kirstie aquiesce e concentra-se no seu livro; começa a ler em voz alta.

— Tive de me embrulhar em papel higiénico para não ficar com hipo... hi... po...

Abeiro-me mais dela, a ponto para a palavra e trato de a ajudar.

— Hipoter...

— Não, mamã. — Um riso brando. — Não. Eu sei. Eu sei dizê-la!

— Está bem.

A Kirstie fecha os olhos, uma coisa que ela faz quando um pensamento complexo a domina, e, depois, abre-os e lê:

— Para eu não ficar com hi-po-termia.

Consegui. Uma palavra bastante difícil. Mas não estou surpreendida. Nos tempos mais recentes, talvez semanas apenas, tem registado um progresso rápido na leitura. O que significa...?

Afasto o pensamento.

Tirando a leitura da Kirstie, o quarto está silencioso. Presumo que o Angus esteja lá em baixo com a Imogen, na distante cozinha; talvez estejam a abrir uma garrafa de vinho para celebrar as novidades. E porque não? Ao longo destes últimos 14 meses, houve demasiados dias maus, com constantes más notícias.

— É assim que eu passo um grande bocado das minhas férias de verão...

Enquanto a Kirstie lê, abraço-lhe os ombros tão pequenos e beijo-lhe o cabelo louro suave. Ao fazê-lo, sinto uma coisa pequena e bicuda debaixo de mim; os bicos picam-me a coxa. Tentando não perturbar a leitura, tentando não pensar no que ela disse, procuro a origem do incómodo.

É um brinquedo pequeno: um dragão de plástico miniatral que comprámos no Zoo de Londres. Mas comprámo-lo para a Lydia. Ela gostava muito de dragões e crocodilos, de todos os répteis e monstros que metem medo a tantas crianças; a Kirstie gostava — gosta — mais de leões e leopardos, de mamíferos mais fofos, maleáveis, mais bonitos. Era uma das coisas que as diferenciava.

— Hoje, na escola... Toda a gente se comportava de uma maneira muito estranha.

Examino o dragão de plástico, viro-o e reviro-o na minha mão. Porque é que está aqui no chão? Nos meses depois de aquilo ter acontecido, o Angus e eu guardámos cuidadosamente em caixas todos os brinquedos da Lydia. Não suportávamos deitá-los fora; isso era demasiado definitivo, demasiado primitivo. De modo que pusemos tudo — brinquedos e roupas, tudo o que estivesse relacionado exclusivamente com a Lydia — no sótão: psicologicamente enterrado no espaço por cima de nós.

— O problema com o Toque do Queijo* é que uma pessoa fica com ele... até conseguir passá-lo para outra...

* Uma espécie de jogo em *O Diário de um Banana*. Quem tocou no queijo ficou com o «toque do queijo», e só se livra dele se tocar noutra pessoa, passando-lhe o «toque». [N. do T.]

A Lydia adorava este dragão de plástico. Lembro-me da tarde em que o comprámos; lembro-me de a Lydia descer aos pulos a Regent's Park Road, agitando no ar o dragão, sonhando ter um dragãozinho como animal de estimação, fazendo-nos sorrir a todos. A recordação enche-me de tristeza, de modo que, discretamente, enfio o pequeno dragão no bolso das minhas calças de ganga e acalmo-me, escutando a Kirstie por mais alguns minutos, até o capítulo acabar. Com relutância, fecha o livro e ergue os olhos para mim: inocente, expectante.

— Muito bem, minha querida. Agora é que são mesmo horas de ir para a cama.

— Mas, mamã...

— Mas mamã nada. Vá lá, Kirstie.

Uma pausa. É a primeira vez que uso o seu nome desde que ela disse o que disse. A Kirstie olha para mim confusa, franze o sobrolho. Vai voltar a dizer aquelas terríveis palavras?

Mamã, eu sou a Lydia. Quem morreu foi a Kirstie. Porque é que continuas a chamar-me Kirstie, mamã?

A minha filha abana a cabeça, como se eu me tivesse enganado e se tratasse de um engano perfeitamente básico. Depois, diz:

— Está bem, nós vamos para a cama.

Nós? Nós? O que é que ela quer dizer com «nós»? A ansiedade, silenciosa, arrepiante, abeira-se furtivamente de mim, mas recuso-me a ficar preocupada. Estou preocupada. Mas estou preocupada por coisa nenhuma.

Nós?

— Está bem. Boa noite, minha querida.

Amanhã, tudo isto já terá desaparecido. Definitivamente. A Kirstie precisa apenas de dormir e acordar de manhã, e, com os seus sonhos, esta desagradável confusão terá desaparecido.

— Está bem, mamã. Podemos vestir os nossos pijamas.

Sorrio e só uso palavras neutras. Se dou valor a esta confusão, as coisas podem ficar piores.

— Está bem, mas temos de ser rápidas. Já é muito tarde e amanhã tens escola.

A Kirstie aquiesce com um ar sombrio. Está a olhar para mim.

Escola.

Escola.

Mais uma fonte de sofrimento.

Eu sei — com demasiada dor, com demasiada culpa — que ela não gosta muito da escola em que anda. Deixou de gostar. Adorava a escola quando tinha a irmã na mesma turma. As Gémeas do Gelo eram então as Gémeas das Travessuras. Todas as manhãs em que havia escola, sentava-as no assento de trás, apertava-lhes os cintos, as duas nos seus uniformes monocromáticos, e, enquanto percorria a Kentish Town Road até aos portões da escola de St. Luke, observava-as pelo espelho: sussurravam e trocavam sinais, apontavam para as pessoas pela janela, e desfaziavam-se em acessos de riso com piadas que só elas entendiam, piadas de gémeas, piadas que, de facto, nunca compreendi.

Sempre que fazíamos isto — todas as manhãs —, sentia orgulho e amor, e, no entanto, por vezes, também me sentia perplexa, porque as gémeas eram um mundo tão absolutamente à parte. Falavam a sua própria linguagem gémea.

Era difícil não me sentir um pouco excluída, uma pessoa inferior, em ambas as suas vidas, à pessoa idêntica e oposta com quem passavam todos os minutos de todos os dias. No entanto, adorava-as. Venerava-as.

E, agora, tudo isso morreu: agora, a Kirstie vai para a escola sozinha, e fá-lo em silêncio. No banco de trás do meu carro. Sem dizer nada. Olhando fixamente, como que hipnotizada, para um mundo mais triste. Ainda tem amigas na escola, mas não substituíram a Lydia. Nunca nada se aproximará sequer disso — substituir a Lydia. Por isso, talvez esta seja mais uma boa razão para deixar Londres: uma nova escola, novas amigas, um campo de jogos não assombrado pelo fantasma da sua gémea, com os seus risinhos e as suas imitações.

— Lavaste os dentes?

— A Immyjen lavou-os, depois do chá.

— Então, tudo bem, vá, salta para a cama. Queres que te puxe os cobertores?

— Não. Mmm. Quero...

Deixou de dizer «nós». Aquela confusão pateta, mas tão perturbante, passou? Mete-se na cama e pousa a cabeça na almofada, e, ao fazê-lo, parece muito pequena. Como quando começou a andar.

Os olhos da Kirstie pestanejam de sono, enquanto aperta o Leopardy contra o seu peito — e eu curvo-me para verificar a luz de presença.

Tal como tenho feito, quase todas as noites, ao longo de seis anos.

Desde o princípio, as gémeas tinham um medo horrível da escuridão total: aterrava-as de tal modo que rompiam em gritos estridentes. Ao fim de cerca de um ano, percebemos porquê: era porque, na mais absoluta escuridão, não conseguiam ver-se uma à outra. Por essa razão, o Angus e eu tivemos religiosamente o cuidado de ter alguma luz disponível para as raparigas: sempre tivemos à mão candeeiros e luzes de presença. Mesmo quando passaram a ter os seus próprios quartos, as gémeas queriam luz à noite, como se pudessem ver-se uma à outra através das paredes: desde que tivessem luz suficiente.

Claro que me pergunto se, com o tempo, esta fobia se esbaterá — agora que uma gémea nos deixou para sempre e nunca mais poderemos vê-la. Mas, por ora, persiste. Como uma doença que devia ter sido curada.

A luz de presença está bem assim.

Ponho-a na mesa de cabeceira e estou a virar-me para sair do quarto quando a Kirstie abre de súbito os olhos e me olha fixamente. De um modo acusatório. Irado? Não. Irado, não. Mas inquieto.

— O que é? — pergunto. — O que é? Minha querida, tens de dormir.

— Mas, mamã...

— O que é?

— *Beany!*

O cão. *Sawney Bean*. O grande spaniel da família. A Kirstie adora o cão.

— O *Beany* vai connosco para a Escócia?

— Que tolice, minha querida... Claro que vai! — respondo. — Nunca o abandonaríamos! Claro que vai!

A Kirstie anui, apaziguada. E, então, os olhos dela fecham-se e aperta com mais força o Leopardy; e eu não consigo resistir a mais um beijo. Agora, faço isso o tempo todo: mais do que alguma vez fiz. O Angus era o progenitor que privilegiava o contacto físico com as filhas, aquele que abraçava e beijava, ao passo que eu era a organizadora, a mãe prática: amava-as dando-lhes de comer

e vestindo-as. Mas, agora, beijo a minha filha sobrevivente como se fosse um feitiço fervoroso, supersticioso: um modo de prevenir males futuros.

As sardas na pele pálida da Kirstie são como canela polvilhada em leite. Ao beijá-la, inspiro o cheiro dela: cheira a pasta dentífrica, e talvez ao milho doce que comeu ao jantar. Cheira à Kirstie. Mas isso significa que cheira à Lydia. Sempre cheiraram ao mesmo. Fizessem o que fizessem, cheiravam sempre ao mesmo.

Um terceiro beijo garante que ela está em segurança. Sussurro um sumido boa-noite. Com todo o cuidado, saio do quarto, com a luz de presença tremeluzindo; mas, enquanto fecho a porta sem um ruído, há mais uma ideia que vem perturbar-me: o cão.

Beany.

O que é? Há qualquer coisa com o cão que me preocupa; que me deixa agitada. Mas não sei ao certo o que é. Nem porquê.

Sozinha no patamar, penso melhor nisso. Concentro-me nisso.

Nós comprámos o *Beany* há três anos: um nervoso *springer spaniel*. Numa altura em que podíamos comprar um cão de raça.

A ideia foi do Angus: no nosso primeiro jardim digno desse nome, teria forçosamente de haver um cão; e, estando nós tão perto do Regent's Park, fazia todo o sentido termos um cão. Demos-lhe o nome do canibal escocês, *Sawney Bean*, porque ele comia tudo, especialmente cadeiras. O Angus adorava o *Beany*, as gêmeas adoravam o *Beany* — e eu gostava do modo como todos eles interagiam. Também adorava, de uma maneira sem dúvida frívola, aquela imagem — duas meninas louras identicamente bonitas, correndo desenfreadas pelo Queen Mary's Rose Garden, com um *spaniel* castanho-mogno que galopava todo feliz, desenfreado como elas.

Os turistas até apontavam e tiravam fotos. Na prática é como se eu fosse mãe de duas celebridades. *Oh, ela é a que tem aquelas gêmeas adoráveis. Com aquele cão lindo de morrer. Não sei se estão a ver.*

Encostada a uma parede, fecho os olhos para pensar com mais clareza. Ouço ruídos distantes, vindos da cozinha, em baixo: o retinir de talheres numa mesa, ou talvez um saca-rolhas que é devolvido a uma gaveta.

Porque é que o *Beany* me está a causar esta estranheza? Há sem sombra de dúvida um pensamento inquieto que provém do

conceito «cão» — no entanto, não consigo localizá-lo, não consigo segui-lo no meio das silvas emaranhadas da memória e da dor.

Em baixo, a porta da entrada fecha-se com um estrondo. O ruído quebra o feitiço.

— Sarah Moorcroft — digo, abrindo os olhos. — Controla-te.

Preciso de descer e de falar com a Immy, de beber um copo de vinho e depois ir para a cama, e, amanhã, a Kirstie — a Kirstie — irá para a escola com a sua pasta vermelha dos livros, com a sua camisola de lã preta. Aquela que tem escrito Kirstie Moorcroft por dentro, numa etiqueta.

Na cozinha, encontro a Imogen sentada à bancada. Sorri, ebrriamente, a vaga mancha de tanino do vinho tinto nos seus dentes brancos perfeitos.

— O Gus teve de sair.

— Ah, sim?

— Sim. Teve um pequeno ataque de pânico por causa da provisão de bebidas... Vocês só têm — vira-se e olha para a grade do vinho junto ao frigorífico — seis garrafas. De maneira que ele foi abastecer-se ao Sainsbury's. Levou o *Beany* com ele.

Rio-me polidamente e puxo um banco.

— Sim. Isso é típico do Angus.

Sirvo-me de meio copo de tinto da garrafa aberta na bancada, dou uma olhadela ao rótulo. Merlot chileno barato. Noutros tempos, era o requintado Barossa Shiraz. Estou-me nas tintas.

A Imogen observa-me e diz:

— Ele continua a beber um pouco, hum, tu sabes — excessivamente?

— É uma maneira simpática de pôr as coisas, Immy: «um pouco excessivamente». Ele perdeu o emprego porque se embebedou de tal maneira que deu um murro no patrão. O homem ficou inconsciente.

A Imogen anui.

— Lamento. Sim. Não consigo deixar de usar eufemismos. Tem a ver com o meu trabalho. — Inclina a cabeça e sorri. — Mas o patrão dele também era um anormal, não era?

— Sim. O patrão dele era absolutamente odioso, mas, ainda assim, não é coisa que se faça, pois não? Partir o nariz ao arquiteto mais rico de Londres.

— Hum-hum. Claro... — a Imogen sorri de um modo matreiro. — Mas, estás a ver, não é assim tão mau. Quer dizer, pelo menos é capaz de dar um murro — como um homem. Lembras-te daquele tipo irlandês com quem eu namorei no ano passado? Costumava usar calças de ioga.

Oferece-me um sorriso malicioso; eu forço um meio-sorriso.

A Imogen é jornalista, como eu, embora incomparavelmente mais bem-sucedida. É subchefe de redação de uma revista feminina. Isto podia levar-me a sentir inveja dela, mas a nossa amizade torna-se, ou tornou-se, mais firme pelo facto de eu ser casada. Ela é solteira e não tem filhos. Costumávamos comparar notas — *o que a minha vida poderia ter sido*.

Agora, recosto-me, seguro com dedos leves no meu copo de vinho: tento descontraí-me.

— Para dizer a verdade, ele não está a beber tanto como bebia.

— Ainda bem.

— Mas, mesmo assim, é demasiado tarde. Para a carreira dele na Kimberley.

A Imogen acena com a cabeça, solidária — e bebe. Eu sorvo o meu vinho e suspiro num jeito o-que-é-que-eu-posso-fazer, e o meu olhar deambula, fixando-se aqui e ali, pela nossa grande e luminosa cozinha de Camden, por todos os tampos em granito e pelo aço reluzente, pela máquina de café preta com o seu conjunto de cápsulas douradas: todos eles gritando: esta é a cozinha de um casal da classe média que está bem na vida!

E é tudo mentira.

Nós *fomos* um casal da classe média que estava bem na vida — por um tempo, depois de o Angus ter sido promovido três vezes em três anos. Durante um longo período, um otimismo intocado impregnou as nossas vidas: o Angus caminhava para uma parceria e um belo salário, e eu sentia-me mais do que feliz por ele ser a grande fonte de rendimentos do nosso lar, por ser dele que, de facto, provinha a nossa subsistência, porque isto permitia-me combinar o meu jornalismo a tempo parcial com o cumprimento adequado dos meus deveres de mãe. Permitia-me levar e ir buscar as nossas filhas à escola, cozinhar pequenos-almoços saudáveis, estar na cozinha a misturar o manjeriço com os outros ingredientes para fazer um pesto orgânico enquanto as gémeas brincavam

com um dos nossos iPads. Durante meia década, fomos, a maior parte do tempo, a família perfeita de Camden.

Depois, a Lydia morreu — caiu da varanda da casa dos meus pais em Devon — e foi como se alguém tivesse feito cair o Angus do cume a que chegara. Cem mil bocadinhos do Angus espalhavam-se por toda a casa. O seu sofrimento era psicótico. Um fogo devastador de angústia que não podia ser extinto, nem mesmo com uma garrafa de uísque todas as noites, por muito que ele tentasse. Todas as noites.

A empresa deu-lhe espaço para o seu luto, deu-lhe semanas de licença, mas isso não era o bastante. Ele estava incontrollável; voltou ao trabalho demasiado cedo e ateava discussões — até chegar ao confronto físico. Demitiu-se uma hora antes de ser despedido; dez horas depois de ter esmurrado o patrão. E, desde então, nunca mais trabalhou, tirando uns quantos projetos, como freelancer, em que alguns amigos, condoídos com a sua sorte, o incluíam.

— Que se lixe tudo isso, Imogen — digo eu. — Pelo menos, vamos mudar-nos. Finalmente.

— Sim! — diz ela, toda animada. — Para uma gruta, não é, uma gruta em Shetland?

Está a picar-me. Eu não me importo. Costumávamos andar sempre a picar-nos uma à outra, antes do acidente.

Agora, a nossa relação é mais formal; mas fazemos um esforço. Outras amizades eclipsaram-se depois da morte da Lydia: demasiadas pessoas não sabiam o que dizer, de modo que não diziam nada. Em contrapartida, a Imogen continua a tentar: a alimentar a chama baixa da nossa amizade.

Olho para ela e digo-lhe:

— A ilha de Torran, não te lembras? Neste último mês, sempre que me visitaste, mostrei-te fotos.

— Ah sim. Torran! A famosa terrinha do Angus. Mas fala-me uma vez mais de Torran, eu gosto.

— Vai ser ótimo, Immy — se não congelarmos. Pelos vistos, há coelhos, lontras, focas...

— Fantástico. Adoro focas.

— A sério?

— Ah, sim. Especialmente as bebés. Podias arranjar-me um casaco.

Rio-me — é um riso sincero, mas culpado. A Imogen e eu partilhamos um sentido de humor idêntico; mas o dela é mais perverso. Prossegue:

— Portanto, este sítio, Torran. Lembra-me. Ainda não foste lá?

— Não.

— Sarah. Como é que podes ir viver para um sítio que nunca viste?

Silêncio.

Acabo o meu copo de Merlot, deito um pouco mais.

— Já te disse. Eu não quero ver a ilha.

Outra pausa.

— Hã?

— Immy, eu não quero ver o sítio concreto porque... e se eu não gosto? — Olho-a nos seus grandes olhos verdes. — Hum? Qual é o problema? O problema é que eu estou encalhada aqui, Imogen. Encalhada aqui com tudo, com todas as memórias, os problemas de dinheiro, tudo. De qualquer forma, estamos falidos, de modo que teríamos de mudar-nos para um qualquer apartamento minúsculo e estúpido, para o apartamento onde começámos, e — e depois o quê? Eu teria de sair para trabalhar e o Angus continuaria louco por se ver confinado aqui e a questão é só esta — só esta — tu sabes — eu tenho de sair daqui, nós temos de sair daqui, e está tudo dito: é o caminho da fuga. E aquilo parece tão belo nas fotos. Parece, sim, parece: tão incrivelmente belo. É como um sonho, mas que importância é que isso tem? Eu quero um sonho. Neste preciso momento, é exatamente isso que eu quero. Porque a realidade *já há algum tempo que é uma bela merda.*

Reina o silêncio na cozinha. A Imogen ergue então o copo dela e, delicadamente, fá-lo retinir no meu e diz:

— Minha querida. Vai ser maravilhoso. O único problema é que vou ter saudades tuas.

Olhamo-nos nos olhos por um breve momento, e, passado um pouco, o Angus está na cozinha; o sobretudo salpicado de chuva fria de outono. Traz vinho em dois sacos de plástico cor de laranja — e atrás dele, pela trela, o cão molhado. Cuidadosamente, põe os sacos no chão e depois tira a trela ao *Beany*.

— Vai lá à tua vida, rapaz.

O *spaniel* treme, dá ao rabo e vai direito ao seu cesto de vime.

Entretanto, eu tiro as garrafas de vinho e ponho-as em cima da bancada; como uma pequena, mas imponente, parada.

— Bom, isso deve dar para uma hora — diz a Imogen, de olhos fixos em tanto vinho.

O Angus pega numa garrafa e tira-lhe a rolha.

— Ah. O Sainsbury's é um campo de batalha. Não vou sentir a falta dos *junkies* de Camden, sempre a comprarem o seu sumo de limão.

A Imogen faz um «tss» reprovador.

— Espera até te veres a 150 quilómetros do óleo de trufas mais próximo.

O Angus ri-se — e é um riso bom, um riso natural. Como um riso de antes de tudo ter acontecido. E por fim eu descontraio-me; embora também me lembre de que quero perguntar-lhe acerca do brinquedo: o dragão de plástico. Como é que ele foi parar ao quarto da Kirstie? Era da Lydia. Estava escondido numa caixa, tenho a certeza disso.

Mas porquê dar cabo desta noite agradável, rara, com uma incerteza? O assunto pode esperar até amanhã. Ou para sempre.

Com os copos de novo cheios, sentamo-nos, conversamos e improvisamos um piquenique na cozinha: nacos de *ciabatta* molhados em azeite, fatias grossas de *saucisson* barato. E, durante uma hora ou mais, conversamos, cordiais, contentes — como os três velhos amigos que somos. O Angus explica como é que o irmão dele — que vive na Califórnia — renunciou generosamente à sua parte da herança.

— O David ganha montanhas de dinheiro em Silicon Valley. Não precisa de trocos. E sabe que nós precisamos MESMO do dinheiro.

— O Angus engole a fatia de *saucisson*.

A Imogen interrompe:

— Mas, antes de mais, o que eu não compreendo, Gus, é como é que a tua avó era proprietária da ilha? Quer dizer — masca uma azeitona —, não te ofendas comigo, mas sempre achei que o teu pai era um escravo, e tu e a tua mãe viviam numa casa como aquelas que, antigamente, no campo, eram usadas para fazer as necessidades. No entanto, de súbito, eis que a tua avó tem uma ilha só dela.

O Angus solta um risinho satisfeito.

— Era a minha avó materna, de Skye. Eram apenas agricultores humildes, pouco mais que rendeiros. Mas tinham um bocadinho de terra de cultivo que, por acaso, incluía a ilha.

— Está bem...

— É bastante comum. Há milhares de pequenas ilhas nas Hébridas e, há 50 anos, uma ilha coberta de algas, de meio hectare, nem tanto, perto de Ornsay, pouco valia. De maneira que a minha avó nunca conseguiu vendê-la. Depois a minha mãe foi viver para Glasgow, a avó foi com ela e Torran tornou-se uma espécie de estância de férias. Para mim e para o meu irmão.

Termino a história do meu marido, enquanto ele vai buscar mais azeite:

— A mãe do Angus conheceu o pai dele em Glasgow. Ela era professora primária, ele trabalhava nas docas.

— Ele, hum... ele morreu afogado, não foi?

— Sim. Um acidente nas docas. Uma coisa muito trágica, de facto.

O Angus volta e interrompe:

— O velho era um beberrão. E batia na minha mãe. Não sei se «trágico» é a palavra certa.

Fitamos os três as três garrafas de vinho que restam na banca-da. A Imogen diz:

— Mas, ainda assim, como é que o farol e a casa encaixam nisso tudo? Como é que foram lá parar, se a tua família era pobre?

O Angus responde:

— A Northern Lighthouse Board é responsável por todos os faróis da Escócia. No século passado, sempre que precisavam de construir um farol novo, ofereciam uns trocos de renda ao proprietário. Foi o que aconteceu em Torran. Mas depois o farol passou a ser automático. Nos anos 60. De maneira que a casa ficou vazia. E passou a pertencer à minha família.

— Um golpe de sorte? — diz a Imogen.

— Vendo bem as coisas, sim — diz o Angus. — Ficámos com uma casa rural de construção sólida. Sem pagar por ela.

Uma voz vinda lá de cima intromete-se na conversa.

— Mamã...?

É a Kirstie. Acordou. E chama por mim do patamar. Isto acontece muitas vezes. No entanto, a voz dela, em particular quando a

ouço inesperadamente, faz crescer dentro de mim uma dor breve, logo reprimida. Porque parece a voz da Lydia.

Quero que estes sentimentos que me afogam acabem.

— *Mammmããã*?

O Angus e eu trocamos um olhar resignado: ambos calculando quando foi a última vez que isto aconteceu. Como dois pais recentes, muito recentes, discutindo a quem é que cabe ir dar o biberão ao bebé às três da manhã.

— Eu vou — digo. — É a minha vez.

E é: a última vez que a Kirstie acordou, depois de um dos seus pesadelos, foi apenas há alguns dias, e o Angus, cansado e sem vontade nenhuma, mas cumpridor, subiu as escadas para a confortar.

Arrumo o meu copo de vinho e subo até ao primeiro piso. O *Beany* segue-me, todo excitado, como se fôssemos caçar coelhos: até bate com a cauda nas pernas da mesa.

A Kirstie está descalça, no cimo das escadas. É a imagem da inocência inquieta com os seus grandes olhos azuis, e com o Leopardy comprimido contra a parte de cima do pijama.

— Tive outra vez, mamã. O sonho.

— Vá lá, amorzinho. Foi só um sonho mau.

Pego nela ao colo — já está a ficar quase demasiado pesada — e levo-a de novo para a cama. A Kirstie, parece-me, não está muito agitada; embora eu desse tudo para que este pesadelo recorrente acabasse de vez. Quando a torno a tapar, já está com os olhos meio fechados, apesar de continuar a falar.

— Era tudo branco à minha volta, mamã, eu estava presa num quarto, todo branco, com aquelas caras todas a olharem para mim.

— Já passou...

— Era branco e eu tinha medo e não conseguia mexer-me e depois... depois...

— Pronto...

Afago-lhe a testa imaculada, ligeiramente febril. As pestanas estremeçam rumo ao sono. Mas um gemido, atrás de mim, acorda-a.

O cão seguiu-me até ao quarto.

Os olhos da Kirstie perscrutam o meu rosto numa súplica.

— O *Beany* pode ficar comigo, mamã? Pode dormir no meu quarto esta noite?

Normalmente, não o permito. Mas esta noite quero apenas voltar para baixo e beber mais um copo com a Immy e o Angus.

— Muito bem, o *Sawney Bean* pode ficar, mas só desta vez.

— *Beany!* — A Kirstie ergue a cabeça da almofada e estende a sua mãozinha e brinca com as orelhas do cão.

Fito a minha filha — ela sabe o que o meu olhar quer dizer. Começo a soletrar:

— O. B...

— Obrigada, mamã.

— Muito bem. Agora tens de adormecer. Tens escola amanhã.

Ela não chamou a si mesma «nós», não chamou a si mesma «Lydia». É um imenso alívio. Quando pousa a cabeça na almofada fresca, encaminho-me na direção da porta.

Porém, ao fazê-lo, os meus olhos fixam-se no cão.

Está deitado ao lado da cama da Kirstie, a cabeça docilmente inclinada, pronto para dormir.

E, agora, a sensação de pavor regressa. Porque já sei o que me perturbava. O cão. O cão está a comportar-se de um modo diferente.

Desde o dia em que trouxemos o *Beany* para casa e para as nossas extasiadas filhas, que a sua relação com as gémeas é muito forte — no entanto, também era diferente. As minhas gémeas podiam ser idênticas, mas o *Beany* não gostava delas da mesma maneira.

Com a Kirstie, a primeira gémea, a gémea mais cheia de vida, a gémea sobrevivente, a chefe das travessuras, a menina que neste momento está a dormir na sua cama, no seu quarto, o *Beany* é extrovertido: salta para a Kirstie quando ela volta da escola, persegue-a, na brincadeira, pelo átrio de entrada — fazendo-a gritar de um terror delicioso.

Com a Lydia, a gémea mais calma, a gémea mais sensível, a gémea que passava horas a ler comigo, a gémea que caiu para a morte no ano passado, o *spaniel* era sempre gentil, como se se apercebesse da sua personalidade mais vulnerável. Dava-lhe mansamente o focinho em busca de festas, punha as patas no colo dela, afável e caloroso.

E o *Swaney Bean* também gostava de dormir no quarto da Lydia, apesar de, normalmente, nós o expulsarmos; e, quando o deixávamos ficar, deitava-se ao lado da cama e inclinava docilmente a cabeça.

Como está a fazer agora com a Kirstie.

Olho atentamente para as minhas mãos; há nelas um fino tremor. A ansiedade é como uma sensação de formigueiro.

Porque o *Beany* já não é extrovertido com a Kirstie. Comportar-se com ela exatamente como se comportava com a Lydia.

Gentil. Aninhando o focinho no colo dela. Delicado.

Irrompem as perguntas a mim mesma. Quando é que o comportamento do cão mudou? Logo após a morte da Lydia? Mais tarde?

Faço um esforço, mas não consigo lembrar-me. O ano passado foi uma névoa de dor: mudou tanta coisa que pouca atenção prestei ao *Beany*. Portanto, o que é que aconteceu? É possível que o cão esteja de algum modo em sofrimento? Um animal pode sentir, fazer o luto? Ou é outra coisa, algo pior?

Tenho de investigar isto: não posso deixar que as águas fiquem paradas, estagnadas. Saio rapidamente do quarto da Kirstie, deixando-a com a apaziguadora luz de presença; depois, ando cinco metros até à porta ao lado. O quarto que era da Lydia.

Transformámos o quarto da Lydia num escritório: tentando, sem êxito, apagar as memórias com o trabalho. Estantes cobrem parte das paredes, cheias de livros, a maioria meus. E muitos deles — pelo menos meia prateleira — são sobre gémeos.

Quando estava grávida, lia todos os livros que encontrava sobre este assunto. É assim que eu processo as coisas: leio acerca delas. Por isso li livros sobre os problemas dos gémeos prematuros, livros sobre os problemas da individuação nos gémeos, livros que me diziam que um gémeo está mais próximo, geneticamente, do outro gémeo, do que dos seus pais, ou mesmo do que dos seus próprios filhos.

E li também qualquer coisa sobre gémeos e cães. Tenho a certeza.

Urgentemente, perscruto as prateleiras. Este? Não. Este? Sim.

Tiro o livro — *Nascimentos múltiplos: um guia prático* —, corro para o índice.

Cães, página 187.

E cá está. Era deste parágrafo que me lembrava.

Por vezes, é difícil distinguir fisicamente os gémeos, mesmo na adolescência — pode suceder que nem os pais consigam distingui-los. No entanto, curiosamente, os cães não têm a mesma

dificuldade. O sentido canino do cheiro é tão forte que um cão — o animal de estimação de uma família, por exemplo — consegue, ao fim de algumas semanas, distinguir permanentemente os dois gémeos — unicamente pelo cheiro.

O livro permanece nas minhas mãos; mas os meus olhos estão fixos na total escuridão da janela sem cortinas. Junto os dados.

Neste último ano, a personalidade da Kirstie tornou-se mais calma, mais tímida, mais reservada. Está mais parecida com a Lydia. Até agora, atribuí isso ao sofrimento. No fim de contas, toda a gente mudou neste último ano.

Mas... e se nós tivéssemos cometido um erro terrível? O mais terrível de todos os erros imagináveis? Como desfazê-lo, emendá-lo? Que poderíamos fazer? O que é que ele faria a todos nós? Uma coisa eu sei: não posso contar nada disto ao meu destruído marido. Não posso contar a ninguém. Não faz sentido lançar esta bomba. Não enquanto não tiver a certeza. Mas, de uma maneira ou de outra, como é que eu provo isto?

Ansiosa, a boca seca, saio para o patamar. Os meus olhos fixam-se na porta. E naquelas palavras escritas com letras de papel brilhante recortado.

A Kirstie mora aqui.

EU SOU A KIRSTIE
EU SOU A LYDIA

EU SOU CONFIANTE E ANIMADA
EU SOU PENSATIVA E SOSSEGADA

EU ESTOU VIVA
EU ESTOU MORTA

QUAL DELAS SOU?

Lydia e Kirstie tinham 6 anos e eram gémeas idênticas. Quando Lydia morre acidentalmente na queda de uma varanda, os pais mudam-se para uma pequena ilha escocesa, na esperança de reconstruírem, com a filha que lhes resta, as suas vidas dilaceradas.

Mas um ano depois, a gémea sobrevivente acusa os pais de terem cometido um erro e afirma que quem caiu da varanda foi Kirstie e não ela.

Na noite em que uma tempestade assola a ilha e deixa mãe e filha isoladas, Sarah e a filha dão por si a serem torturadas pelo passado e por visões inexplicáveis, que quase as levam à loucura. O que terá acontecido realmente naquele fatídico dia em que uma das gémeas morreu?

«Um thriller notável.»

The Times



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

TOP
SEL
LER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8086-74-7



9 789898 086747

Thriller